

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2019-04-30

Deposited version:

Publisher Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Duarte, C. & André, P. (2017). Deixar-se perder na cidade: teorias urbanas a partir do século XIX. In Paula André (Ed.), *Antologia de ensaios: Laboratório Colaborativo. Dinâmicas urbanas, património e artes. Investigação, ensino e difusão.* (pp. 8-27). Lisboa: DINÂMIA'CET-IUL.

Further information on publisher's website:

<https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/14737>

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Duarte, C. & André, P. (2017). Deixar-se perder na cidade: teorias urbanas a partir do século XIX. In Paula André (Ed.), *Antologia de ensaios: Laboratório Colaborativo. Dinâmicas urbanas, património e artes. Investigação, ensino e difusão.* (pp. 8-27). Lisboa: DINÂMIA'CET-IUL.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

Deixar-se Perder na Cidade – Teorias Urbanas a Partir do Século XIX

Duarte, Carla¹
DINÂMIA'CET-IUL - ISCTE-IUL
carla.duarte21@gmail.com

André, Paula
DINÂMIA'CET-IUL - ISCTE-IUL
paula.andre@iscte-iul.pt

Resumo:

No início do século XX, Walter Benjamin afirma a importância, para o homem urbano, de se deixar perder na cidade, sem orientação, sem rumo definido, apenas seguindo os sinais que os transeuntes com que se cruza e os espaços públicos, arquitetura e sinalética que percorre, indicam. Atualmente, num mundo em que a tecnologia guia os passos georreferenciados na malha coordenada da cartografia *online*, a sensação de “estar perdido” é difícil, se não totalmente impossível de concretizar, especialmente pelo receio que o estar desligado da rede, perdendo o controlo sobre onde se está e para onde se deve e quer ir, provoca. Contrariamente à posição que se generalizou no homem contemporâneo, a teorização urbana que se baseia na importância de caminhar no espaço público, tem sido, desde o século XIX, prolifera, enaltecendo e enfatizando a importância de o homem não saber onde se encontra, e tendo assim que entender e procurar o seu caminho, nos sinais que os sentidos e a intuição vão descodificando em seu redor. Os anos de Oitocentos, vêem surgir as primeiras teorias que enaltecem a importância de deambular pelas cidades, como forma de a estudar e de a compreender, enquanto organismo físico, social e cultural. Este estudo pretende abordar algumas dessas teorias, como sejam o conceito de *flâneur*, preconizado por Edgar Allan Poe, Charles Baudelaire e Walter Benjamin, bem como os princípios que estão subjacentes ao deambular Dadaísta e Surrealista e à *deriva* situacionista e ao conceito de transurbância, descrito e praticado pelo grupo de investigação orientado por Francesco Careri. Deambular em espaço público é, antes de mais, uma forma de conhecer os espaços desconhecidos das cidades e de entender a forma como a alma, os sentidos e o consciente/subconsciente das populações, constroem áreas e mapas segundo padrões psicogeográficos. As cidades são feitas de pessoas e das suas vivências e trocas sociais, que só se podem efetivar recorrendo a processos de apropriação do espaço público. Deambular, saindo da malha conhecida e reconhecível, permite cruzamentos e encontros e um conhecimento do território que se habita, que se tornam mais difíceis percorrendo apenas a cartografia identificável.

Palavras-Chave:

Caminhar, deambular, deriva, *flâneur*, transurbância, errância

¹ Doutoranda em Arquitetura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos, no ISCTE-IUL, sob a orientação da Professora Doutora Paula André.

Introdução

Not to find one's way in a city may well be uninteresting and banal. It requires ignorance – nothing more. But to lose oneself in a city – as one loses oneself in a forest – that calls for quite a different schooling. Then signboards and street names, passers-by, roofs, kiosks, or bars must speak to the wanderer like a crackling twig under his feet, like the startling call of a bittern in the distance, like the sudden stillness of a clearing with a lily standing erect at its center.²

O Homem naturalmente gosta de se sentir seguro, controlando a sua vida e os passos que dá através do Mundo. Deslocar-se por um território que lhe é desconhecido, sem mapa, GPS, ou transeunte que o guie no labirinto da malha urbana, pode colocá-lo numa posição de desconforto e insegurança. A orientação através de um conhecimento experimentado da cidade, ao estilo “só percorro os territórios que conheço e controlo”, ou dos dispositivos móveis que indicam, em qualquer parte, onde está, fez o Homem esquecer a importância de se perder na cidade, andando de acordo com as indicações que o espaço lhe dá e que os sentidos apreendem e descodificam, seguindo a intuição, a leitura mental do espaço, os sinais que vão aparecendo ao longo do percurso e que lhe indicam a sua posição e para onde deve, ou lhe apetece, ir.

Andar assim, possibilita-lhe um conhecimento e integração no espaço urbano e no espaço social onde se desloca, gerando mapas mentais da cidade como refere Kevin Lynch, ou mapas psicogeográficos, que associam áreas geográficas a emoções aí sentidas e que foram amplamente utilizados pelo movimento situacionista, a partir da década de 50.

A noção da importância desta deambulação urbana, surge a partir do século XIX, em plena era da industrialização, com a introdução da cidade no conceito de paisagem e uma consequente necessidade de arranjar modos de entender e absorver esse novo espaço. Surgem assim as primeiras teorias que incentivam e enaltecem a importância de caminhar em meio urbano e a certeza da importância de se “deixar perder na cidade”, deambulando pelas ruas e praças que se vão abrindo aos pés do Homem, como forma de observação e/ou integração urbana, expressão plástica, intervenção.

De entre elas, destacam-se os contributos de Edgar Allan Poe, Charles Baudelaire e Walter Benjamin, dos movimentos Dada, Surrealista e Situacionista e, na atualidade, do projeto de investigação Laboratório Nomade, liderado por Francesco Careri e pelo coletivo Stalker.

² Apud SOLNIT, Rebecca - **Wanderlust A History of Walking**. London : Granta Books, 2014, p. 197.

“The Man in the Crowd” – Edgar Allan Poe³

A essência do conceito de *flâneur* (embora ainda não sendo utilizada a designação), surge num conto de Edgar Allan Poe - “*The Man in The Crowd*”⁴, na descrição de um homem que se deixa perder no labirinto urbano de uma grande cidade – Londres -, a capital por excelência da Revolução Industrial e o exemplo máximo das alterações que se passaram a operar na imagem das cidades.

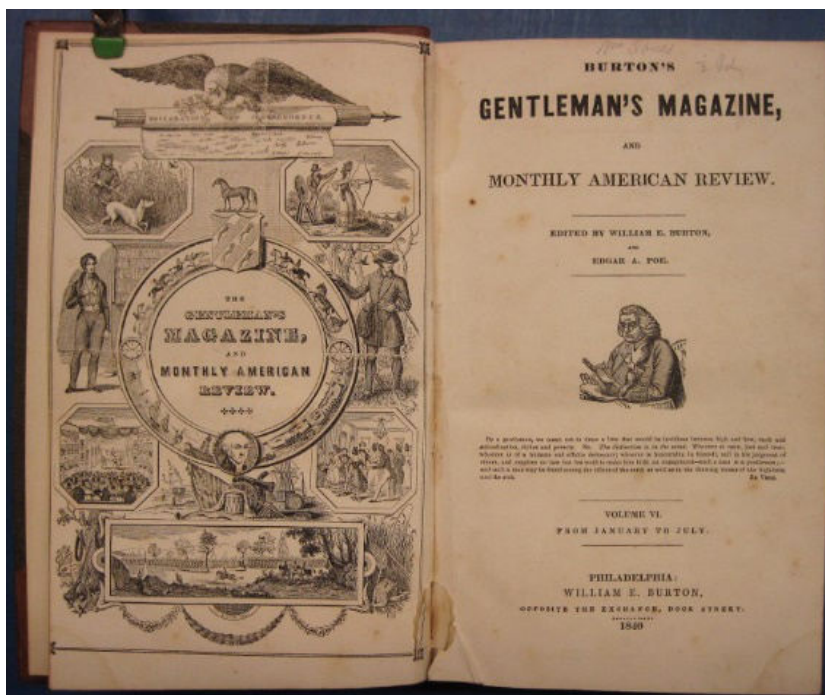


Fig. 1 – Revista Graham (Edição de 1840) Use the "Insert Citation" button to add citations to this document.

Se na primeira parte do conto, o homem se limita a observar uma massa anónima que passa em frente à mesa do café onde se senta, na segunda parte, o impulso de seguir um dos elementos dessa multidão, leva-o a perseguir um homem pelas ruas e ambientes da cidade, perdendo-se e encontrando-se à medida que se deixa guiar pelos passos do desconhecido, que lhe mostra, sem o saber, uma cidade nova, inconscientemente nascida dos princípios e regras industriais e que se vai desvendando entre o fumo que sai das chaminés das fábricas e os passos que dá no pavimento das ruas, entre os becos apertados e as ruas largas, entre as pessoas com quem se cruza e o homem que persegue. O narrador segue assim, sem destino aparente, o seu objeto de estudo através de Londres durante um dia, passando por uma diversidade de ambientes que desconhecia,

³ POE, Edgar Allan - The Man in the Crowd. In *The Fall of the House of Usher*. London: Vintage Books, 2010, pp. 442-450.

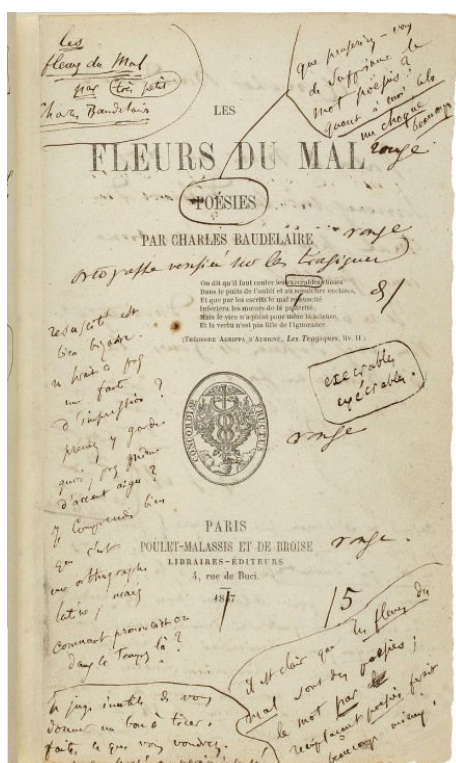
⁴ O texto foi publicado pela primeira vez na revista *Graham*, em 1840 e posteriormente editado numa coletânea de contos “*Tales*” (Hammond, 1998). HAMMOND, J. R. - *An Edgar Allan Poe Chronology*. London: MacMillan Press Ltd, 1998.

questionando quem é este homem e o que o leva a descrever este percurso. Não lhe seria possível conhecer esta nova cidade, se não se tivesse deixado perder pelas suas ruas, largando o território conhecido da sua existência.

O *Flâneur* de Charles Baudelaire

Deixando-se inspirar pelo conto de Poe, e por esse homem que se deixa perder no labirinto da cidade, Charles Baudelaire cria a expressão que o passará a designar e que inspirará (e inspira) gerações de académicos e teóricos, de onde se destaca, o estudo exaustivo que Walter Benjamin lhe dedica, algumas décadas depois. Nasce assim, entre páginas literárias e passeando ao sabor do desconhecido nas ruas de Paris, o *flâneur*!

O *flâneur*, enquanto tal, é pela primeira vez referido na sua obra “*Les Fleurs du Mal*”, editado em 1857 (e, posteriormente, em “*Le Peintre de la Vie Moderne*”⁵) e tem como base e modelo de inspiração, a vida do pintor Constantin Guys, que encarna, para Baudelaire, as características de um novo tipo de homem que a revolução tecnológica, urbana, social e cultural, gerara. Este homem vai em busca do que Baudelaire descreve como “*a modernidade*”⁶, de tudo o que distingue a sua época de todas as outras, não do fugaz, do transitório, mas do que se vai eternizar para o futuro, focando o seu estudo na contemplação da vida que lhe devolve a contemporaneidade que procura recriar, materializar e imortalizar.



⁵ Publicado no jornal *Le Figaro*, em 1863, como coletânea de ensaios.

⁶ BAUDELAIRE, Charles - *O Pintor da Vida Moderna*. Lisboa : Nova Vega, Limitada, 2015, p. 24.

Fig. 2 – “*Les Fleurs du Mal*” (1ª Edição com notas do próprio autor)⁷

O *flâneur* é assim um homem solitário, que se deixa perder indolentemente na multidão da cidade, alimentando-se dos transeuntes que desconhece e com quem se cruza, no labirinto das ruas por onde deambula sem destino, tendo apenas como bússola, os sinais que a cidade lhe transmite e que alimentam e estimulam a sua curiosidade e a vontade de querer saber mais. Tal como a personagem de Poe, também o *flâneur* se lança na busca de inspiração e sabedoria pelo intrincado da malha de Paris, sem saber o seu destino, deixando-se levar por um fio ténue das histórias que constrói, das pessoas com quem se cruza no seu deambular e que observa, sem interagir.

*A multidão é o seu domínio, tal como o ar é o domínio do pássaro, e a água, o do peixe. A sua paixão e a sua profissão é a de desposar a multidão. Para o flâneur perfeito, para o observador apaixonado, eleger domicílio no meio da multidão, no inconstante, no movimento, no fugitivo e no infinito, constitui um imenso gozo. Estar fora de casa e, no entanto, sentir-se em todo o lado em casa; ver o mundo, estar no centro do mundo, e permanecer escondido do mundo, tais são alguns dos pequenos prazeres destes espíritos independentes, apaixonados, imparciais, que a língua apenas pode definir de um modo imperfeito (...) O amante da vida faz do mundo a sua família (...) entra assim na multidão como num imenso reservatório de eletricidade (...) Pode-se também compará-lo, ele mesmo, a um espelho tão imenso quanto esta multidão; a um caleidoscópio dotado de consciência que, em cada um dos seus movimentos, representa a vida múltipla e a graça móvel de todos os seus elementos. É um eu insaciável do não-eu que, a cada instante, o manifesta e o exprime em imagens mais vivas do que a própria vida, sempre instável e fugidia.*⁸

Observador que olha e reflete o que vê nas suas atitudes, movimentos, deambulação, no seu caminhar entre a multidão, *insaciável* do que vê, intoxicado por uma paisagem e população urbana que investiga ininterruptamente.

Subjacente a estes passeios solitários, no meio da multidão onde se move, está a criação de um novo tipo de conceito de paisagem, nascido da transformação da imagem da cidade, após a Revolução Industrial e com a industrialização dos processos produtivos, a migração em massa de uma população maioritariamente rural para os grandes centros, o crescimento desmesurado de uma malha urbana e arquitetónica que alberga uma população que precisa de ser alojada, e o conseqüente aparecimento de um novo tipo de construções que se destinam à implementação de unidades fabris e de grandes obras de estado, como sejam as estações de caminho-de-ferro. Simultaneamente, os territórios

⁷ WIKIPEDIA. (n.d.) - **Les Fleurs du Mal**. [Consult.: 25 Nov. 2017]. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Les_Fleurs_du_Mal

⁸ BAUDELAIRE, Charles - **O Pintor da Vida Moderna**. Lisboa : Nova Vega, Limitada, 2015, p. 19/20.

são traçados por redes de infraestruturas ferroviárias, que ligam as fontes de matéria-prima e os centros de produção, bem como populações distantes entre si. Como não se sentir chamado a deambular por aqui, por estas áreas novas e desconhecidas, fonte de um novo tipo de conhecimento – o conhecimento da multidão, da sociedade e da cultura que percorre as ruas? Como não se deixar perder, ao seguir alguém que parece guardar em si um segredo – o segredo desta nova vida, destes hábitos, desta velocidade e pressa com que todos andam, destes olhares cansados de quem regressa do trabalho para casa? O que escondem de si? O que podem contar desta nova sociedade que se desenrola em frente dos seus olhos, dos seus sentidos todos?

*Admira a eterna beleza e a espantosa harmonia da vida das capitais.
Contempla as paisagens da grande cidade (...)*⁹

A cidade, esse imenso organismo vivo, laboratório de experiências sociais e humanas, de encontros casuais e furtivos que promovem conhecimento, o urbano. A cidade, arquivo de informação e memória do passado e do presente e, provavelmente, do futuro.

“The Arcades Project” – Walter Benjamin

Entre 1927-1940, Walter Benjamin empreende um estudo aprofundado da obra de Baudelaire, debruçando-se sobre as alterações em Paris durante o século XIX e o *flâneur*. As suas reflexões podem ser encontradas no seu trabalho não concluído “*The Arcades Project*”¹⁰, uma compilação constituída pelas notas que foi recolhendo ao longo dos anos em que trabalhou no projeto, separadas de acordo com 36 temas (ou associações de ideias). O título da obra refere as arcadas de Paris, construídas no início de Oitocentos, galerias comerciais cobertas de vidro, símbolos de luxo e modernização que a industrialização permitiu materializar e que foram entrando em declínio com a implementação do plano de Haussmann e a destruição da malha urbana existente. Quando Benjamin chega a Paris na década de 30 do Século XX, estas arcadas eram a imagem da decadência, constituindo “*um cemitério do consumismo contendo a recusa de um passado descartado*”¹¹.

⁹ BAUDELAIRE, Charles - **O Pintor da Vida Moderna**. Lisboa : Nova Vega, Limitada, 2015, p. 21.

¹⁰ BENJAMIN, Walter - **The Arcades Project**. Cambridge, Massachusetts : The Belknap Press, 1999. A primeira edição organizada desta obra data de 1982.

¹¹ BUCK-MORSS, Susan - **The Dialectics of Seeing, Walter Benjamin and The Arcades Project**. Cambridge, Massachusetts : The MIT Press, 1993.

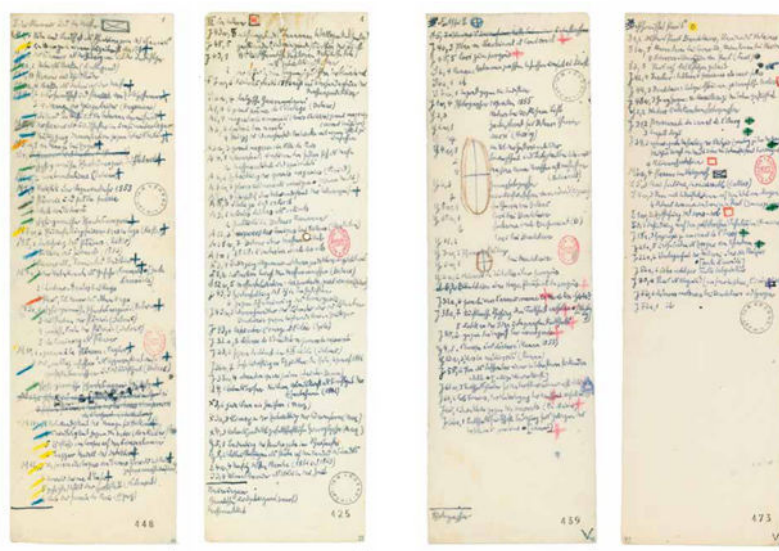


Fig. 3 – Notas de Walter Benjamin sobre Charles Baudelaire¹²

Aqui, nestes lugares fechados, feitos para se contemplar (e ser contemplado), onde o passeio indolente se tornava possível, naturalmente circularia o *flâneur*, imerso na profusão de luz, produtos, pessoas, cheiros, cores, sons, alimento para a sua alma insaciável. O *flâneur* que Benjamin vai buscar a Baudelaire, é o homem que, ao se deixar perder nas ruas e arcadas parisienses, se coloca em confronto entre o presente e o passado. Perde-se, para encontrar o que perdeu, *fósseis* representativos de uma cultura que deixara de existir.

*The street conducts the flâneur into a vanished time. For him, every street is precipitous. It leads downward (...) into a past that can be all the more spellbinding because it is not his own, not private(...)*¹³

Refletindo no que o seu estudo sobre a obra de Baudelaire lhe permitiu¹⁴, Benjamin assume uma representação da figura do *flâneur* muito próxima da versão Baudelaيرية:

That anamnestic intoxication in which the flâneur goes about the city not only feeds on the sensory data taking shape before his eyes but often

¹² n.e. (n.d.) - **Researching Benjamin**. [Consult.: 25 Nov. de 2017]. Disponível em <https://researchingbenjamin.wordpress.com/>

¹³ BENJAMIN, Walter - **The Arcades Project**. Cambridge, Massachusetts : The Belknap Press, 1999, p. 416.

¹⁴ Benjamin havia sido comissionado pelo *Institut für Sozialforschung* para escrever um livro sobre Baudelaire – “*Charles Baudelaire, Tableaux Parisiens*” -, o que lhe permitiu aceder a toda a obra do poeta e, posteriormente, utilizar essa investigação para as suas reflexões sobre o *flâneur*, Paris e a transformação da imagem da cidade.

*possesses itself of abstract knowledge – indeed of dead facts – as something experienced and lived through (...)*¹⁵



Fig. 4 - Galerie Vivienne, 1916 (Fotografia de Charles Lansiaux)¹⁶

Um homem que, calmamente, deambula pela cidade, sem pressa, sem destino fixo, deixando-se guiar no labirinto das ruas, pelos estímulos a que é sujeito. Benjamin confere também à existência deste homem, a importância da sua inserção numa paisagem – a urbana Paris - e de ser o responsável pela construção dessa paisagem (ou, poder-se-ia acrescentar, da construção da cidade enquanto paisagem):

For it is not the foreigners but themselves, the Parisians, who have made Paris the promised land of the flâneur – the ‘landscape built of sheer life’, as Hofmannsthal once put it. Landscape – that, in fact, is what Paris becomes for the flâneur. Or more precisely: the city splits for him

¹⁵ BENJAMIN, Walter - **The Arcades Project**. Cambridge, Massachusetts : The Belknap Press, 1999, p. 417.

¹⁶ SHANE, David Grahame - **The Architects Newspaper**. [Consult.: 25 Nov. 2017]. Disponível em <https://archpaper.com/>, 2017.

*into its dialectical poles. It opens up to him as a landscape, even as it closes around him as a room.*¹⁷

O cenário por excelência do *flâneur* seria assim a cidade, longe dos princípios que o Romantismo definira para a paisagem, mas mais próximo de uma nova definição – a da paisagem urbana.

Os movimentos Dadaísta e Surrealista

No início do século XX, o movimento Dadaísta inicia um novo modelo de intervenção artística, que passa pela elevação do ato de deambular em áreas urbanas, a intervenção plástica e artística. Assim, a 14 de Abril de 1921, inaugurou-se esta prática em Paris, num terreno baldio do Quartier Latin adjacente a uma construção devoluta, a Igreja de Saint Julien-Le-Pauvre. O ato de caminhar foi acompanhado da leitura de uma seleção aleatória de textos do Dicionário Larousse e da entrega de panfletos aos transeuntes e respetivo convite à participação no evento:

*Os dadaístas, de passagem por Paris, querendo remediar a incompetência dos guias e de cicerones suspeitos, decidiram empreender uma série de visitas a alguns lugares escolhidos, em particular àqueles que não têm qualquer razão real de existir. Insiste-se indevidamente no pitoresco (Liceu Janson de Sailly), no interesse histórico (Mont-Blanc) e no valor sentimental (a Morgue). Ainda não se perdeu o jogo, mas é preciso agir rápido. Participar dessa primeira visita é dar-se conta do progresso humano, das possíveis destruições e da possibilidade de prosseguir com a nossa ação, que vocês procurarão encorajar por todos os meios.*¹⁸

¹⁷BENJAMIN, Walter - **The Arcades Project**. Cambridge, Massachusetts : The Belknap Press, 1999, p. 417.

¹⁸ CARERI, Francesco - **Walkscapes, O Caminhar Como Prática Estética**. São Paulo : Editora Gustavo Gili, 2013, p. 72



Fig. 5 – Convite para a Primeira Visita Dada¹⁹

Com esta primeira intervenção, o movimento Dada pretendia transformar a percepção que se tem da rotina diária, salientando o que de importante e maravilhoso ela pode conter, ao mesmo tempo que ressalta a importância de deambular no espaço urbano e como andar nas cidades pode ser, por si só, uma forma de expressão artística. O campo de ação estética mudou, saindo dos meios tradicionais de representação, passando a posicionar-se na banalidade de uma área urbana (em substituição de uma tela ou outro suporte onde intervir) e no ato de caminhar, o modo de intervir (o pincel que desenha no espaço). Em contraponto ao movimento futurista de exaltação da modernidade, da velocidade, do futuro, o Dada pretende exaltar o quotidiano:

*É através do Dada que se realiza a passagem do representar a cidade do futuro ao habitar a cidade do banal.*²⁰

¹⁹ STEDELIJK MUSEUM AMSTERDAM. (n.d.) - Stedelijk Museum Amsterdam. [Consult.: 25 Nov. de 2017]. Disponível em <http://www.stedelijk.nl>

²⁰ CARERI, Francesco - **Walkscapes, O Caminhar Como Prática Estética**. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2013, p. 74.



Fig. 6 – Elementos do Movimento Dada (1921)²¹

Ao deambular pela banalidade dos territórios urbanos, os sentidos entendem e apreendem o espaço que rodeia o corpo, passando a sentir-se uma parte integrante do mesmo e compreendendo como as rotinas do cotidiano são importantes na vida do Homem e nas cidades.

Três anos depois, em Maio de 1924, o grupo volta a empreender um novo passeio, adotando um conjunto de regras e premissas diferente do que havia utilizado. Recorrendo a um mapa do território francês, é selecionada uma área completamente ao acaso no meio de um território rural, onde os intervenientes - André Breton, Louis Aragon, Roger Vitrac e Max Morise -, encetam uma deambulação durante alguns dias, sem percurso definido, apenas tendo definidos os pontos de partida – Blois - e de chegada – Romorantin – e deslocando-se através de territórios físicos e mentais desconhecidos. No dizer de Francesco Careri tratou-se de uma “*viagem, empreendida sem escopo e sem meta (...) experimentação de uma forma de escrita automática no espaço real, uma errância literário-campestre impressa diretamente no mapa de um território mental.*”²². Deambular aqui implicou um desconhecimento do território geográfico que se percorre, um sentido de desorientação, de perda de noção de onde se está e para onde se vai, promovendo uma possibilidade de meditação interna, de viagem ao pensamento e ao subconsciente, aos medos mais profundos, possibilitando a descoberta e interação com territórios desconhecidos e misteriosos.

A importância desta caminhada foi ímpar para os quatro elementos do grupo e para a História Urbana e da Arte, já que impulsionou a criação de um novo movimento – o Surrealismo. No regresso, Breton escreve o primeiro manifesto Surrealista que se

²¹ n.e. - **André Breton**. [Consult.: 14 de Out. de 2017.] Disponível em <http://www.andrebretton.fr/work/56600100999956>.

²² CARERI, Francesco - **Walkscapes, O Caminhar Como Prática Estética**. São Paulo : Editora Gustavo Gili, 2013, p. 78.

conhece, definindo o conceito como “*automatismo psíquico puro, com o qual se propõe expressar (...) o funcionamento real do pensamento*”²³.

*A terra, sob os meus pés, não é senão um imenso jornal explicado. Às vezes, passa uma fotografia, é uma curiosidade qualquer, e das flores nasce uniformemente o odor, o bom odor de tinta de papel impresso.*²⁴

Com o surrealismo, concretizam-se mais caminhadas pelos arredores da cidade de Paris, numa tentativa de descoberta do inconsciente da cidade, que apenas o passo humano e a deambulação ao sabor dos sentidos e do subconsciente meditativo permitem. Percorrer os territórios banais das cidades, e os espaços menos nobres e conhecidos, exponencia igualmente encontros furtivos com pessoas interessantes e objetos abandonados no espaço público. Tal como o caminhar sem destino definido, possibilita uma viagem ao pensamento e subconsciente humano²⁵, também permite o acesso a áreas desconhecidas no meio da malha urbana, cidades dentro das cidades, que grande parte dos habitantes ignora e que são, no fundo, a sua alma escondida. A experimentação sensorial do espaço urbano, a deambulação sem destino definido, que possibilita a identificação desses espaços inconscientes, materializa-se numa vontade de representação sensorial das cidades – segundo mapas influenciadores -, que possibilitam a representação cartográfica da percepção do espaço urbano apreendida através do ato de caminhar. Aí, seriam identificadas manchas urbanas que responderiam aos seguintes critérios de classificação:

- Manchas Brancas – áreas aprazíveis para caminhar e que correspondem a estímulos sensoriais positivos e agradáveis.
- Manchas Cinzentas – áreas não bem definidas e que oscilam entre sensações agradáveis e menos agradáveis.
- Manchas Pretas – áreas onde não apetece caminhar.

Com este avanço na representação cartográfica do espaço, estavam lançadas as premissas para a deriva situacionista e para o mapeamento de áreas sensoriais, que constituem os princípios básicos da psicogeografia.

A Deriva – Internacional Situacionista

²³ CARERI, Francesco - **Walkscapes, O Caminhar Como Prática Estética**. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2013, p. 78.

²⁴ André Breton. Apud CARERI, Francesco - **Walkscapes, O Caminhar Como Prática Estética**. São Paulo : Editora Gustavo Gili, 2013, p. 81.

²⁵ De salientar a importância que caminhar teve como metodologia de reflexão para Nietzsche, Rousseau, Toureau e de acesso ao subconsciente da alma. GROS, Frédéric - **A Philosophy of Walking**. London: Verso, 2011.

Com o final da 2ª Guerra Mundial, o Mundo assistiu a uma mudança decisiva na sociedade ocidental, que se materializou no quotidiano, na cultura, no modo de vida, na sociedade e na paisagem urbana. A destruição massiva das cidades europeias onde, ao longo dos séculos, se foram sobrepondo camadas de informação, história, memória, construção arquitetónica e urbana e a sua subsequente reconstrução, seguindo um conjunto de princípios, mais adaptados à realidade e às necessidades humanas, particularmente devida à introdução da velocidade automóvel nos centros urbanos, constituiu, a par de uma redefinição de fronteiras e uma divisão geopolítica bastante acentuada, uma alteração substancial na forma como se caminha, percebe e vive o espaço urbano. Traçam-se assim grandes eixos viários, adaptados às cada vez mais velozes velocidades motoras, suprimindo-se espaço público pedonal, o que promove um aumento da utilização do automóvel e a redução do ato de caminhar como forma de circulação nas cidades.

Na cultura, a arte e a arquitetura reposicionam-se e questionam qual poderá e deverá ser o seu papel na sociedade, depois da experiência de horror e destruição vividos durante o Holocausto. Destaca-se um conjunto de reflexões centradas na importância de caminhar no território, enquanto prática e método de atuação e intervenção no espaço urbano, gerado como contraponto à euforia em torno do uso da máquina e do automóvel nos centros urbanos e que culminou na teorização Situacionista e em algumas intervenções artísticas, que usam o território como suporte e objeto de realização plástica, como é o caso da *Land Art*, na década de 60.

Ao longo da década de 50, um grupo de teóricos, de onde se destaca a atuação de Guy Debord, lança-se numa tentativa de questionamento e reflexão em torno das questões urbanas e da reconstrução de um espaço físico, social e cultural. O apogeu ocorre em 1957, com a Internacional Situacionista e a definição de um novo método de compreensão e análise territorial e consequente atuação na cidade – a deriva -, herdeiro direto das deambulações surrealistas e que pretende identificar áreas de inconsciente da cidade e o efeito que a percepção emocional e sensorial tem, nos seus habitantes. No entanto, e ao contrário dos surrealistas, a deriva enquanto forma de caminhar na cidade, não estava relacionada com buscas do sonho e do subconsciente individual e coletivo, mas sim com uma compreensão concreta da cidade e do que o caminhar através da malha urbana, permite perceber. Mais uma vez, e tal como já havia acontecido com os seus precedentes, o laboratório de experimentação urbana é a cidade de Paris.

O termo deriva surge pela primeira vez em 1953 num texto de Gilles Ivain²⁶ - “*Formulaire Pour Un Urbanisme Nouveau*” -, associado à definição de psicogeografia. Guy Debord aprofunda o conceito que expõe em 1956 na “*Théorie de la Dérive*”:

O conceito de deriva está indissociavelmente ligado ao reconhecimento de efeitos de natureza psicogeográfica e à afirmação de um comportamento lúdico-constructivo, o que, de todos os pontos de vista, o

²⁶ Pseudónimo de Ivan Chtcheglov.

*opõe às normas clássicas de viagem e de passeio (...) Na sua unidade, a deriva abarca, ao mesmo tempo, esse deixar-se ir conforme as solicitações do terreno, e a sua contradição necessária: o domínio das variações psicogeográficas através da consciência e do cálculo das suas possibilidades.*²⁷

A deriva é dissociada da noção de caminhada enquanto passeio lúdico e identificada como um método de análise do espaço, que assenta em regras bem definidas, das quais dependeria o seu sucesso analítico, como sejam:

- Identificar áreas que produzam o mesmo tipo de perceção emocional e/ou sensorial;
- Ser realizada por um grupo máximo de três pessoas, que possuam um mesmo entendimento do espaço, possibilitando o confronto de diferentes formas de perceção, entre diferentes grupos e a definição de áreas fiáveis;
- Durar um dia, com possibilidade de aumento, que permita incluir outras variáveis na análise, como seja a variação meteorológica;
- Definir previamente a área a analisar, podendo a sua dimensão ser variável;
- Definir previamente, com recurso a mapas psicogeográficos, os percursos de acesso à área de análise.²⁸

A deriva possibilita assim a utilização dos conceitos de mapa influenciador e de zonas emocionais, criados pelo surrealismo, embora associados a uma forma de expressão artística, no qual o ato de caminhar, é a ferramenta metodológica que o permite, bem como o nascimento da psicogeografia, ou, segundo Debord, de uma nova ciência nascida da junção da geografia com a psicologia, que permite estudar as emoções que determinado local geográfico provoca (Coverley, 2006).

*The sudden change of ambience in the street within the space of a few meters; the evident division of a city into zones of distinct psychic atmospheres; the path of least resistance which is automatically followed in aimless strolls (and which has no relation to the physical contour of the ground); the appealing or repelling character of certain places – all this seems to be neglected (...) In fact, the variety of possible combinations of ambiances, analogous to the blending of pure chemicals in an infinite number of mixtures, gives rise to feelings as differentiated and complex as any other form of spectacle can evoke.*²⁹

²⁷ CARERI, Francesco - **Walkscapes, O Caminhar Como Prática Estética**. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2013., p. 88.

²⁸ Ibidem, pp. 89-90.

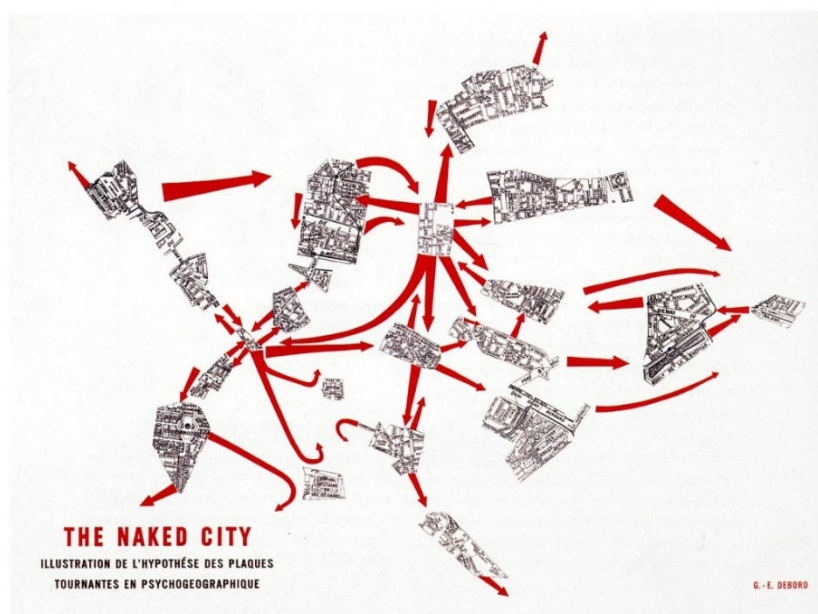
²⁹ COVERLEY, Merlin - **Psychogeography**. Londres: Pocket Essentials, 2006, pp. 89-90.

Em 1954 são expostas as primeiras cartografias psicogeográficas – “66 *Metagraphies Influentielles*” -, na *Galerie du Passage*, em Paris. Em 1957, são apresentadas “*La Guide Psycogéographique de Paris*”, a primeira cartografia psicogeográfica, e “*The Naked City*”, ambas produzidas por Debord. Embora sejam diferentes, possuem elementos comuns: num mapa branco flutuam partes da malha da cidade – áreas psicogeográficas - ligadas por setas – os eixos de ligação entre essas zonas e onde se torna possível e aconselhável efetuar uma deriva, já que essas são as áreas de vazio de conhecimento da cidade.



Fig. 7 – “*Guide Psychogéographique de Paris*”³⁰

³⁰ DEBORD, Guy - Macba. [Consult.: 14 de Out. de 2017.] Disponível em <http://www.macba.cat/en/guide-psychogéographique-de-paris-discours-sur-les-passions-de-lamour-pentes-psychogéographiques-de-la-derive-et-localisation-dunités-d'ambiance-3779>.

Fig. 8 – “Naked City”³¹

A psicogeografia, assim definida pelos situacionistas, tem seduzido uma geração de novos teóricos dos fenómenos urbanos, em especial uma corrente anglo-saxónica que tem como objeto de estudo e análise, a cidade de Londres, onde as transformações do espectro urbano se têm adensado desde a 2ª Guerra Mundial. Destacam-se aqui os contributos de Ian Sinclair, Will Self, JC Ballard, Peter Ackroyd e Stewart Home, escritores, artistas e realizadores de cinema, que, segundo Coverley³², detêm o papel de contar as histórias escondidas da cidade, que as metodologias tradicionais de representação – a cartografia, maioritariamente -, deixaram de conseguir fazer.

A Transurbância – Coletivo Stalker / Observatório Nomade

Em 1995, define-se um coletivo de investigação – o grupo Stalker (de onde se destaca o papel de Francesco Careri) – que, a par dos seus precedentes, utiliza o caminhar como método de análise e intervenção no território. Tal como a obra de Tarkovsky, de onde herdou o nome, o movimento Stalker busca os territórios marginais das cidades, os vazios que se escondem entre a malha, zonas de “amnésia” e desconhecidas da população, que se tornam o seu objeto de estudo e de intervenção. Estes espaços, aparentemente vazios, ou *terrain vagues* (Solà-Morales, 1995)³³, são cheios de possibilidades, locais facilmente adaptáveis aos usos que não foram contemplados pela cidade construída e que fazem parte das vivências das comunidades em seu redor –

³¹ DEBORD, Guy - **Cloud Architecture of Reassembly**. [Consult: 14 de Out. de 2017.] Disponível em <http://rpi-cloudreassembly.transvercity.net/wp-content/uploads/2012/09/original-nakedcity.jpg>.

³² COVERLEY, Merlin - **Psychogeography**. Londres : Pocket Essentials, 2006.

³³ SOLÀ-MORALES, Ignasi - **Terrain Vague**. Cambridge : MIT Press, 1995. p. 118.

parques de brincadeiras, hortas, locais de festas, acampamentos ciganos. Tratam-se de áreas nômadas, que não são estanques na malha urbana e se vão relocando, segundo as decisões governativas, as expansões imobiliárias e o planejamento das áreas urbanas, bem como a necessidade de readaptação da população a essas diretivas governativas. Careri identifica-as como “transurbâncias”³⁴. Caminhar, perdendo-se no território e encontrando-se nas pistas que o mesmo vai deixando e que o investigador vai perseguindo, torna-se aqui, a metodologia adequada para a sua identificação, análise e intervenção, ao permitir um conhecimento e integração com o espaço em si e com as suas vivências sociais e culturais.

*Entre esses resíduos germinam novas formas de vida, novos espaços, efetivamente virgens, dos quais queremos entender o sentido e as possibilidades de evolução. É uma operação que necessita da reformulação das categorias por meio das quais proceder à descrição e à intervenção nesses lugares, cuja inteligibilidade se perdeu. Experimentar novas formas cognitivas por meio da reintegração dos percursos de pesquisa da arte e da ciência, para a descoberta de inéditos ecossistemas que recomponham a laceração entre o homem e o próprio ambiente, cuja realização volte a ser a expressão natural das relações que aí têm lugar.*³⁵

Tal como com os conceitos antecessores – a deambulação surrealista, a deriva situacionista –, a transurbância implica um percurso pedestre por uma área previamente selecionada na cartografia e pode demorar vários dias, para que seja possível uma imersão no território em análise. Só esse atravessamento pedestre do território, tal como os primeiros percursos nômadas associados ao pastoreio dos rebanhos³⁶, permite a sua compreensão e a adoção de medidas interventivas que lhe sejam adequadas. O próprio ato de caminhar aí, é uma intervenção em si próprio, já que o homem deixa o seu rasto pelos locais por onde se desloca, quer seja a simples pegada na terra, o papel que apanha no chão, as pessoas com quem se cruza e socializa, ou a atuações mais físicas.

³⁴ Optou-se aqui por usar a expressão em português do Brasil, utilizada pela versão do livro editada pela Gustavo Gili.

³⁵ CARERI, Francesco - **Walkscapes, O Caminhar Como Prática Estética**. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2013, p. 161.

³⁶ Tal como a transumância que refere as mudanças de rebanhos no território, entre áreas de pasto, em situações específicas do ano, Careri cria uma expressão que refere a deslocação de áreas através do território e a deslocação do Homem nesses espaços, em busca de zonas desconhecidas que vai percebendo à medida que caminha.

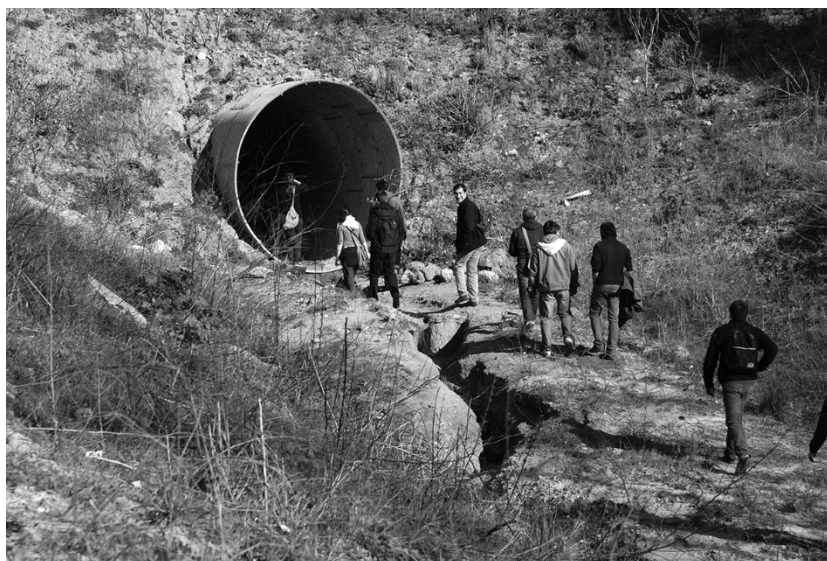


Fig. 9 – O Colectivo Stalker em 2009, numa visita em Roma³⁷

Careri utiliza esta metodologia com os seus alunos da Universidade de Roma, inserido no projeto de investigação “Osservatorio Nomade”³⁸, percorrendo e analisando territórios, intervindo com as populações, na identificação e entendimento do espaço onde estão, das suas vivências e memórias, bem como na concretização de propostas de ação, por forma a satisfazer as suas necessidades, melhorando as condições de vida e de utilização dessas áreas. Aqui, o passo permite o encontro com a população, a troca de conhecimentos, o entendimento de quem habita os espaços, o que ele lhe dá, o que poderia dar mais, o que deve ser feito para melhorar as condições de utilização do mesmo. O passo permite escutar, escutar o território, usando os sentidos, a intuição, percebendo o que existe e, principalmente, o que pode existir, as potencialidades inerentes a esse local. O passo permite também escutar a população, os seus desejos, as suas necessidades, as suas fraquezas e como as reverter, enaltecendo os seus pontos fortes.

Considerações Finais

Com a mudança da paisagem das cidades, movimentar-se pelo passo humano passa a ser uma forma de entendimento e de compreensão do espaço, ao permitir uma imersão no que rodeia o corpo e o seu entendimento sensorial, tendo inspirado, em primeiro lugar, os ambientes que a ficção literária visita, sob as linhas de Poe, em Londres e Baudelaire em Paris e o aparecimento de uma personagem, o *flâneur*, que inspirou gerações de teóricos urbanos e uma vontade no Homem, de se deixar perder no labirinto

³⁷ DWYRE, Cathryn. - **The Architects Newspaper**. Retrieved November 25, 2017, from <https://archpaper.com>, 2016.

³⁸ CARERI, Francesco - **Stalker/Osservatório Nomade**. Disponível em www.osservatorionomade.net.

das ruas das cidades, absorvendo e entendendo as mesmas através do passo e de um movimento fluído, que apenas o passo humano permite.

No princípio e ao longo do século XX, a alteração do ambiente urbano, associada à alteração da sociedade, da cultura e das necessidades humanas, com a introdução da mecanização na locomoção, foi sendo satisfeita pelas sucessivas adaptações da fisicalidade e ambiência dos espaços urbanos. A exigência das rotinas, do aumento da velocidade de e nos espaços, relembrou a importância do passo, como unidade de medida para o homem e do caminhar pelos espaços públicos, como forma de confronto entre o passado e o presente, para o *flâneur* de Benjamin, que percorre as memórias da Paris que foi, na decadência das Arcadas que é.

Nas deambulações dadaístas e surrealistas há uma vontade de alertar para a importância da banalidade do quotidiano e para o subconsciente das cidades, que apenas andar e meditar permitem clarificar, definindo áreas de inconsciente, ao passo que a deriva situacionista vai mais longe, ao criar o conceito de psicogeografia e de áreas geográficas, às quais estão associadas emoções humanas.

Mais recentemente, a transurbância volta a alertar para a importância de andar na cidade como metodologia de análise e como forma de encontrar, delimitar, analisar e intervir em territórios desconhecidos e essenciais para a concretização das atividades que as diretivas governativas ignoraram no planeamento das cidades.

Numa época em que o Homem vive conectado pelo wi-fi, e é guiado pela rede, mais do que pelos sentidos, em que andar pode significar navegar entre páginas de informação estruturada na Internet, é pertinente lembrar a importância de se deixar perder pelo labirinto de ruas e espaços públicos das cidades, ligando-o ao espaço que habita e à população com que se cruza e de que faz parte, perdendo o medo do que o rodeia e a iliteracia dos espaços urbanos e das populações que os habitam e percebendo que o espaço público é fulcral para o desenvolvimento e construção de um ambiente e vivência social e urbano, no fundo para a construção de uma vida urbana saudável. As redes sociais, não substituem o contacto pessoal que é feito através do passo humano pelas cidades.

Bibliografia

BAUDELAIRE, Charles - **O Spleen de Paris**. Lisboa: Relógio de Água, 2007

BAUDELAIRE, Charles - **O Pintor da Vida Moderna**. Lisboa: Nova Vega, Limitada, 2015.

BENJAMIN, Walter - **The Arcades Project**. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press, 1999.

BUCK-MORSS, Susan - **The Dialectics of Seeing, Walter Benjamin and The Arcades Project**. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1993.

CARERI, Francesco - **Walkscapes, O Caminhar Como Prática Estética**. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2013.

CARERI, Francesco - **Stalker/Observatório Nomade**. Obtido de Stalker/Observatório Nomade: www.osservatorionomade.net, (s.d.).

COVERLEY, Merlin - **Psychogeography**. Londres: Pocket Essentials, 2006.

DEBORD, Guy - **Macba**. [Consult.: 14 de Out. de 2017.] Disponível em: <http://www.macba.cat/en/guide-psychogeographique-de-paris-discours-sur-les-passions-de-lamour-pentes-psychogeographiques-de-la-derive-et-localisation-dunites-dambiance-3779>.

DEBORD, Guy - **Cloud Architecture of Reassembly** [Consult: 14 de Out. de 2017.] Disponível em: <http://rpi-cloudreassembly.transvercity.net/wp-content/uploads/2012/09/original-nakedcity.jpg>.

DWYRE, Cathryn - **The Architects Newspaper**. [Consult.: 25 Nov. de 2017], Disponível em <https://archpaper.com>.

GROS, Frédéric - **A Philosophy of Walking**. London: Verso, 2011.

HAMMOND, John R. - **An Edgar Allan Poe Chronology**. London: MacMillan Press Ltd., 1998.

LYNCH, Kevin - **A Imagem da Cidade**. Lisboa: Edições 70, 1989.

POE, Edgar Allan - The Man in the Crowd. In **The Fall of the House of Usher**. London: Vintage Books, 2010, pp. 442-450.

SHANE, David Grahame - **The Architects Newspaper**. Retrieved November 25, 2017, from <https://archpaper.com/>, 2017.

SOLÀ-MORALES, Ignasi - **Terrain Vague**. Cambridge: MIT Press, 1995.

SOLNIT, Rebecca - **Wanderlust A History of Walking**. London: Granta Books, 2014.

STEDELIJK MUSEUM AMSTERDAM - **Stedelijk Museum Amsterdam**. [Consult.: 25 Nov. de 2017. Disponível em <http://www.stedelijk.nl>

n.e. - **André Breton**. [Consult.: 14 de Out. de 2017.] Disponível em <http://www.andrebretton.fr/work/56600100999956>.

n.e. (n.d.) - **Researching Benjamin**. [Consult.: 25 Nov. de 2017]. Disponível em <https://researchingbenjamin.wordpress.com/>